

JNT FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL
ISSN: 2526-4281 - ANO 2026 - MÊS DE SETEMBRO
DOSSIÊ TEMÁTICO: "SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO:
ABORDAGENS CRÍTICAS, INTERCULTURAIS E DECOLONIAIS"
Ed. 77. Vol. 1 - Págs. 36-48
DOI: 10.5281/zenodo.22162675



QUALIS
A2



SOCIOLINGUÍSTICA, SUAS VERTENTES E CONTRIBUIÇÕES AO TRABALHO COM ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: APONTAMENTOS E POSSIBILIDADES¹

SOCIOLINGUISTICS, ITS STRANDS, AND CONTRIBUTIONS TO NATIVE LANGUAGE TEACHING: OBSERVATIONS AND POSSIBILITIES

Carlos André da Costa SOUZA²

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

E-mail: carlos.costa@ufnt.edu.br

ORCID: <http://orcid.org/0009-0006-2900-7961>

Francisco Edviges ALBUQUERQUE³

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

E-mail: fedviges@uol.com.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0004-1887>

36

RESUMO

O artigo a seguir tem como principal objetivo indicar, na perspectiva da Sociolinguística, as possibilidades de intervenção docente para as atividades de ensino de língua portuguesa no ambiente escolar, considerando o ensino fundamental, por meio da vertente Sociolinguística Educacional. O trabalho, que se dá numa abordagem qualitativa, tem como técnica de coleta de dados a pesquisa bibliográfica, através das publicações de autores de referência sobre o tema e do exame de produções acadêmicas disponíveis na plataforma Google Acadêmico, a fim de desenvolver uma compreensão pertinente à área. Outrossim, o estudo se mostrará os conceitos teóricos do campo da Sociolinguística, abordando o conhecimento acumulado na área da Sociolinguística Educacional, que se ocupa das atividades com linguagem no espaço escolar, tendo como objeto a língua em uso. Outra intenção do trabalho é verificar a sintonia entre os documentos educacionais e as ferramentas indicadas, visitando para tanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nesse sentido, a pesquisa se filia à concepção de língua heterogênea e variável, sujeita, portanto, a mudanças que refletem a cultura e

¹ COMO CITAR: (ABNT): SOUZA, C. A. C.; ALBUQUERQUE, F. E. Sociolinguística, suas Vertentes e Contribuições ao Trabalho com Ensino de Língua Materna: Apontamentos e Possibilidades. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Setembro de 2026 - Ed. 77. VOL. 01. Págs. 36-48. Disponível: <http://revistas.facultadefacit.edu.br>. Acesso em: __/__/__.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Araguaína-TO, e-mail: carlos.costa@ufnt.edu.br. Orcid: 0009-0006-2900-7961 <https://lattes.cnpq.br/9018165201640539>.

³ Titular da disciplina Tópicos em Sociolinguística e ensino. Coordenador do LALI - Laboratório de Línguas Indígenas da UFNT

a história da própria comunidade em que se insere, visando um trabalho docente que acolha essas características no combate às discriminações e preconceitos linguísticos.

Palavras-chave: Sociolinguística. Sociedade. Ensino.

ABSTRACT

The following article aims to indicate, from a sociolinguistic perspective, the possibilities for teacher intervention in Portuguese language teaching activities in the school environment, considering elementary education, through the lens of Educational Sociolinguistics. The work, which employs a qualitative approach, uses bibliographic research as its data collection technique, through publications by reference authors on the subject and an examination of academic productions available on the Google Scholar platform, in order to develop a relevant understanding of the area. Furthermore, the study will present the theoretical concepts of the field of Sociolinguistics, briefly addressing the accumulated knowledge in the area of Educational Sociolinguistics, which deals with language activities in the school environment, focusing on language in use. Another intention of the work is to verify the alignment between educational documents and the indicated tools, examining, for this purpose, the National Curriculum Parameters (PCNs) and the National Common Curriculum Base (BNCC). In this sense, the research aligns with the conception of language as heterogeneous and variable, therefore subject to changes that reflect the culture and history of the community in which it is embedded, aiming for teaching practices that embrace these characteristics in the fight against linguistic discrimination and prejudice.

Keywords: Sociolinguistics. Society. Education.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva apontar caminhos possíveis para a sala de aula na condução do ensino de língua materna e no consequente desenvolvimento de competências linguísticas por parte dos alunos desse componente curricular, a partir dos pressupostos teóricos da Sociolinguística e sua vertente Sociolinguística Educacional.

Nesse sentido, o trabalho se insere numa abordagem qualitativa e bibliográfica, pois, de modo que, para alcançar suas finalidades, se valerá de livros, artigos acadêmicos, dissertações e teses disponíveis no acervo do Google Acadêmico,

a fim de produzir um texto que possa somar na busca por práticas pedagógicas pautadas numa concepção de língua variacionista, que leve em conta o contexto de uso e a reflexão crítica.

Com isso em mente, a intenção é trazer novas reflexões sobre o tema, potencializando as possibilidades de aprendizagem associadas à vida extramuros do estudante e visando seu desenvolvimento acadêmico e as demandas sociais que envolvem o uso da língua.

Inicialmente trazendo o aporte teórico das ideias defendidas no estudo, se procederá uma visita às raízes históricas da Sociolinguística, que consiste ainda em um afunilamento na tendência de interesse da pesquisa, a Sociolinguística Educacional.

Na sequência, se elencará o rol de motivos pelos quais a perspectiva analisada se apresenta como a mais indicada, entre as possíveis, ao desenvolvimento das habilidades e competências linguísticas exigidas para que os estudantes da escola básica (ensino fundamental) realizem satisfatoriamente as demandas que envolvem interações verbais nas mais diferenciadas situações da vida concreta, sejam elas como aprendizes ou mesmo na condição de profissionais.

O estudo trará ainda, sugestões de aplicação visando as intervenções dos professores no ambiente da sala de aula, com a recomendação do estado da arte pertinente, para que a atuação seja pautada pela tolerância em relação aos diferentes falares praticados na comunidade, seguindo assim os pressupostos básicos da Sociolinguística Educacional, como o caráter heterogêneo da linguagem, a variação e as mudanças resultantes de fatores como local, idade, sexo etc.

De acordo com Witkowski (2013, p. 87), a “sociolinguística é uma área da linguística que estuda a língua falada relacionando-a com a sociedade, ou seja, trata do uso da língua falada em situações reais”. Surgida na década de 1960, inicialmente como campo de estudos mais amplo, a divisão possuía um caráter multidisciplinar, abrigando a sociologia e a antropologia.

Conforme ainda a autora, do ponto de vista linguístico:

Cada nação do mundo possui uma língua oficial, uma língua nacional, o que leva a uma ideia de linearidade e uniformidade. Afinal, uma língua identifica um povo, uma nação. Se perguntados qual a língua oficial na Inglaterra, responderemos: “O inglês”. Se questionados sobre a língua oficial brasileira, saberemos que é o português. Porém, se analisarmos mais atentamente, veremos que dentro de um mesmo país, principalmente um país com dimensões continentais como o Brasil, há enormes diferenças entre as línguas faladas em cada estado e, também, em municípios de um mesmo estado. A língua nacional é a mesma, porém com diferenças regionais oriundas de contextos históricos e culturais, de colonizadores e suas

O objeto de estudos da sociolinguística se concentra justamente no seio dessa diversidade, na qual considera de forma macro e microestrutural da variedade linguística, segundo o *locus*, que pode ser uma região inteira ou apenas uma cidade ou mesmo bairro. Com foco nessas percepções, parte-se para a análise do campo sociolinguístico e da respectiva vertente implicada no estudo.

SOCIOLINGUÍSTICA E VARIAÇÃO

A fim de conduzir suas investigações, a sociolinguística estuda língua em uso, interrelacionando, no interior da comunidade de falantes, elementos de língua e da sociedade. Esse *modus operandi* imprime características interdisciplinares à tal ciência.

Ao contrário do que observavam outros campos como o estruturalismo, que julgava a língua como um sistema homogêneo, na sociolinguística a heterogeneidade é tida como predicado fundamental.

Para melhor compreensão da assertiva se faz necessário considerar as noções do estruturalismo, cujo maior expoente é Ferdinand de Saussure, que em seu Curso de Linguística Geral, indica que “a língua, assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos em que, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica [...]” Saussure (2012, p.46).”

Diversamente, na sociolinguística, constata-se que a heterogeneidade é inerente a todas as línguas, que de acordo com Mollica e Braga (2013), possuem dinamismo, possuindo, entretanto, equivalência semântica em nível vocabular e morfossintático.

Cezário e Votre (2013), avaliam que, como ramo da linguística, a sociolinguística surgiu na América do Norte na década de 1960 sob Willian Labov, sendo a princípio denominada de “teoria da variação ou variacionista”. Suas conjecturas permitiram verificar a regularidade e sistematicidade daquilo que se supõe caótico na comunicação cotidiana.

Dessa forma, na definição desses autores (2013, p.141), a sociolinguística “estuda a língua em seu uso real. Levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”, devendo-se, portanto, em sua análise ser consideradas a “variação” e a “mudança”.

Já no apontamento dos fatores que motivam a variação, bem como seus valores, tem-se que:

O estudo procura verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início ou se completou uma trajetória que aponta para mudança. Em outras palavras, a variação não é vista como um efeito de acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos (Cezário e Votre, 2013, p. 141).

Para efeito de exemplificação do que seria a variedade, Mollica (2013) apresentam o uso do pronome *tu*, que é preferido nas interações no Sul do Brasil, comparecendo, no entanto, com menor frequência nas demais regiões do país, tal fenômeno representa assim, uma variação geográfica ou diatópica.

Se empenhando em áreas como: surgimento e extinção das línguas, contato entre elas, variação, multilinguismo e até mudanças, como já citado acima, a sociolinguística possui vasta gama de interesses.

A esse respeito, faz-se necessário esclarecer que, segundo Mollica (2013. p.8), a “variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes”. Sendo estes fenômenos outras possibilidades de uso, como o que ocorre com a concordância entre verbo e sujeito numa dada sentença oral, que a depender do sujeito pode ou não ser empregada.

Importante destacar que operam na sociedade determinados parâmetros que regulam a variação, atribuindo valores negativos ou positivos, conforme a variante, classe social de uso etc.

Nesse sentido, a sociolinguística exerce um papel importante na investigação nos níveis de mutabilidade ou estabilidade, trazendo um diagnóstico sobre efeitos negativos ou positivos que as variáveis podem exercer sobre os usos, o que ajuda na previsão de condutas regulares e sistemáticas do processo linguístico de mudanças, desmistificando o aparente caos existente.

A manutenção de uma área investigativa que se ocupe da variedade linguística, trazendo à luz seus mecanismos internos, é relevante na medida em que o fenômeno da variação pode causar o estigma de determinados usos em relação a outros considerados como de maior prestígio social.

Esse tratamento diferenciado, por sua vez, pode dar azo a discriminações e preconceitos linguísticos, reforçando formas deletérias de comportamentos que, em última instância, resultam na desigualdade de acesso do sujeito falante a determinados lugares sociais e até ao exercício de direitos legitimamente consagrados.

Importa neste debate o conceito de “relativismo cultural”, a respeito do qual Bortoni-Ricardo (2014, p.12) adianta que:

[...] é uma postura adota nas ciências, inclusive na Linguística, segundo a qual uma manifestação de cultura prestigiada na sociedade não é intrinsecamente superior a outras. [...] Na sua infância, a pesquisa sociolinguística foi motivada pela constatação de que crianças oriundas de grupos linguísticos minoritários apresentavam desempenho escolar muito inferior ao das crianças provenientes de classes média e alta. Hoje podemos explicar essas diferenças com base no grau de letramento com que as crianças convivem em seu ambiente familiar.

Dessa forma, a partir da constatação de que a variação é fenômeno inerente à língua, toda e qualquer proposta pedagógicas precisa, igualmente, considerar a variedade, refletindo a própria comunidade que utiliza a língua para se comunicar.

SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL E O ENSINO

Ao observarmos o ambiente de sala de aula no Brasil, no que se refere especificamente ao ensino de língua materna, nota-se a predominância da tradição gramatical. Essa postura favorece a crença de que língua é estática e homogênea, muito embora se saiba que os docentes, tragam de suas formações, conhecimentos sobre variação e mudanças a que a língua está sujeita.

Para Bagno (2010), a ideia de norma padrão como “correta” foi estabelecida desde o Renascimento, sob a coordenação da elite daquele período. É inspirado nesse modelo que, desde então, o ensino de língua no Brasil, quase em sua totalidade se materializa sob a ótica do ensino das normas da gramática. Ademais, pelo menos dois fatores ajudam a explicar a manutenção dessa realidade até os dias de hoje, o apelo dos pais de alunos que, por terem sido submetidos a esse tipo de ensino, creem ser o melhor e a reiteração dessa mesma crença por parte da grande mídia, percepção corroborada (Bagno, 2010).

Essa preferência pela tradição gramatical na sala de aula, pode ainda ser explicada pela precarização das condições de trabalho, já que os profissionais sequer contam com hora-atividade, por exemplo.

De qualquer maneira, independente da vontade do agente, o ato de manter as variantes populares fora do espaço escolar, além de gerar preconceito linguístico, pode inviabilizar a adequada mobilização das mesmas, acarretando aos estudantes, perdas de oportunidades fora da escola, onde outras interações necessárias.

Por considerar fatores sociais e históricos do falante da língua que integra uma determinada comunidade, a sociolinguística inclui em seu arcabouço, os estudos da variedade própria desses grupos.

É justamente essa característica que faz dela uma ferramenta importante e poderosa na educação para a língua, visto que, uma aprendizagem, para ter sucesso,

precisa partir de um lugar de proximidade com aquele que aprende. Incluir as variedades que circulam entre os falantes é, em última análise, a postura mais indicada para este trabalho.

SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL E INTERVENÇÃO

Com isso em mente, tem-se que a área de pesquisa da sociolinguística que mais se associa à natureza da atividade pedagógica, é a Sociolinguística Educacional, justamente por ser tida por vários pesquisadores como instrumento de combate aos estigmas e preconceitos linguísticos.

Em consonância com o que afirmam Lopes e Cavalcante (2018, p. 89), avalia-se que:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Língua Portuguesa já aborda sobre a questão de se conhecer e valorizar as diferentes variedades do português de forma que se combata o preconceito linguístico. Já reconhece que a Língua Portuguesa é composta pela diversidade linguística e que o estudante ao adentrar no espaço escolar já vem com algumas das variedades linguísticas existentes a depender da região e localidade.

Nessa direção, as autoras destacam que, no ambiente da “sala de aula, o professor pode mostrar as variantes para os estudantes e ajudar a perceber que [...] variações ou modos de expressão são apropriados em determinados contextos de uso”.

Isso faz notar que a área científica torna visíveis realidades linguísticas diferentes em um mesmo meio social, ressaltando ainda a necessidade que aluno tem de dominar as variedades formais, que podem ser exigidas em situações como apresentações do gênero oral seminário, por exemplo, constituindo uma valiosa informação para o educador.

Relativo à forma de encarar o uso de variantes, um dos ganhos para o ensino está na mudança em relação ao binômio “certo ou errado”, que pode ser gradualmente alterado para “adequado ou inadequado” a depender do contexto.

Procurando mostrar a legitimidade da discussão, com apoio de Santos (2022) chama-se a atenção para o que recomenda a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) relativo ao trabalho com Sociolinguística em sala de aula.

Inicialmente, o autor destaca as possibilidades trazidas pelo documento, já nas chamadas Competências Específicas do componente Língua Portuguesa, previstas para o ensino fundamental:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que

pertencem. [...] 4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos. 5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual (Brasil, 2018, p. 87 *in* Santos, 2022, p. 51).

De pronto, se vê no esforço do autor, que a Base menciona já na competência 1, a “necessidade de se ver a língua como um fenômeno amplo, correlacionado [à] vida de seus falantes, o que diretamente leva à reflexão sobre os processos de variação diacrônica (histórica), diastrática (sociocultural) e diafásica (estilística)”.

Já no caso da competência 4, há uma referência direta e literal à variação, [destacando-se] a existência de variedades e de preconceitos atrelados à língua”.

Nesse sentido, o autor aponta a “valorização da diversidade linguística e o combate a qualquer tipo de discriminação por meio da linguagem” como sendo atribuição da área de estudos. A postura favorece aqueles usos da língua precebidos cotidianamente no Brasil, colaborando na acolhida das formas de falar das camadas mais populares de nossa sociedade.

Na competência 5, a normativa ressalta a importância de se “construir noções sobre os processos de variação estilística, compreendendo que os sujeitos realizam modulações no uso da língua [...]” assinalando a participação decisiva dos “interlocutores e suas respectivas intenções baseadas nas regras socioculturais de adequação que subjazem às situações comunicativas (Santos, 2022, p. 51).

Com base ainda nos pressupostos do autor, traz-se agora ao texto um conjunto de habilidades relacionadas à variação linguística que se encontram dispostas na BNCC. A amostra considera as quatro práticas ou eixos de linguagem em que a normativa está organizada.

A fim de facilitar a compreensão por parte do leitor, as habilidades foram dispostas em um quadro que, a exemplo do que se dá na própria estrutura da Base, apresenta as colunas de forma didática, destacando a que objeto de conhecimento cada uma está relacionada.

Quadro 1: Habilidades do campo jornalístico midiático (adaptado).

LÍNGUA PORTUGUESA – 6º AO 9º ANO		
CAMPO JORNALÍSTICO MIDIÁTICO		
Prática de linguagem	Objetos de conhecimento	Habilidade
Produção de textos	Textualização Revisão/edição de textos informativos	(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à

		variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc. [...]
Oralidade	Planejamento e produção de textos jornalísticos orais	(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.
Análise linguística/Semiótica	Estilo	(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos e publicitários, os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, em textos noticiosos e argumentativos, reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo, a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, as formas de pretérito em relatos; as formas de presente e futuro em gêneros argumentativos; as formas de imperativo em gêneros publicitários), o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados (tempo verbal, jogos de palavras, metáforas, imagens).

Fonte: Brasil (2018, p. 141-161, grifos do autor).

Aprofundando o assunto, adentra-se agora no aspecto fonético-fonológico, a respeito do qual Santos (2022) define como mecanismo linguístico que facilita o

reconhecimento, por parte dos falantes, das diferenças de caráter social geográfico e até de contexto de usos.

Partindo deste princípio, o autor convida a uma reflexão acerca da variação fonética do português falado no Brasil, abordando o tema no ensino. Com isso, a intenção é a de proporcionar aos aprendizes a compreensão e a consequente valorização de nossa diversidade sociolinguística, de forma a combater discriminações, na direção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

Em Bortoni-Ricardo (2004), tem-se que a variação é onipresente em se tratando de domínios sociais, regra estendida à sala de aula. Outra comprovação é que o respeito com as diferenças linguísticas está diretamente ligado à compreensão de que a língua sofre mudanças e variações de forma natural.

A partir do momento em que o aprendiz entende esse processo, aprende paralelamente sobre a história da própria língua, sobretudo no aspecto da mudança que se dá gradativamente no léxico, o que dá início a um processo de reflexão crítica.

Relativo às possibilidades do contexto de uso e da variação, recorre-se novamente à Lopes e Cavalcante (2018, p. 93) que demarcam que:

Os papéis sociais são exemplos de como é possível lidar com a língua em diferentes contextos de uso. A língua é utilizada de diferentes formas a depender do contexto, por exemplo, quando vai se dirigir a mãe, ao pai, aos avós, aos irmãos etc. É nesse processo de interação que se percebe as diferentes características linguísticas que serão levadas para a escola pelo fato do aluno já interagir de determinada forma fora da escola, isto é, no seu espaço familiar. Na escola pode existir o domínio da norma padrão, mas as variações linguísticas estarão presentes no processo de interação entre alunos e professores na fala menos monitorada.

Ao argumentar que os recursos de variação se organizam de forma a tornar mais produtiva e adequada a comunicação entre os falantes, Bortoni-Ricardo (2014, p. 158) apresenta contribuições que podem ser úteis aos professores na sala de aula.

Para autora, a Sociolinguística Educacional é “o esforço de aplicação dos estudos das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas”. Tais intervenções se tornam viáveis graças ao enriquecimento de subsídios de outras áreas como as linguísticas aplicada e de texto e à pragmática.

Assim, os subsídios indicados para aplicação da Sociolinguística elaborados por Bortoni-Ricardo (2014, p. 161) seriam:

1. A influência da escola não deve ser procurada em estilos coloquiais e espontâneos dos falantes, mas em seus estilos mais monitorados; 2. A escola deve ocupar-se principalmente das regras variáveis que recebem avaliação negativa na sociedade, enfatizando as que são mais salientes; 3. O estudo da variação sociolinguística no Brasil, por não estar essa variação associada

basicamente à etnicidade, exceto no caso das comunidades indígenas bilíngues, não tem o potencial de conflito interétnico que assume em outras sociedades [...]; 4. Os estilos monitorados da língua devem ser reservados à realização de eventos de letramento em sala de aula [...]; 5. A descrição da variação da Sociolinguística Educacional não deve ser dissociada da análise etnográfica de sala de aula, que permite avaliar o significado que a variação assume para os atores naquele domínio, particularmente a postura do professor diante de regras não padrão da língua; 6. É importante que professores e alunos tenham uma conscientização crítica de que a variação linguística reflete desigualdades sociais.

Na esteira da indicação das linhas gerais que podem subsidiar uma aplicação da Sociolinguística, a autora destaca um conjunto de atividades voltadas para o ensino de língua materna, apontando antes providências necessárias como o desenvolvimento de recursos que integrem língua a oral dos alunos com as competências de leitura, escrita e oralidade em sala; Atenção para a transição entre os modos de fala e os produção de textos, leitura e análise; Organização de jogos que favoreçam o aprendizado da língua; monitoração do livro didático, a fim de identificar suas qualidades etc.

Vale ressaltar que o rol é bem maior que isso, contudo, o que se apresenta já exemplifica o caráter do que se deseja do educador, durante sua intervenção.

Passa-se, no ensejo, às atividades subdivididas em dois blocos, “Interpretação” e “Interpretação”. Para ficar apenas no primeiro caso, os exemplos são: “localizar informações em textos contínuos [...] e não contínuos [...]; localizar informações explícitas em textos contínuos e não contínuos, reconhecer o assunto do texto, [...] finalidade do texto [...] inferências de pouca complexidade; [...] relacionar informações dentro do mesmo texto” Bortoni-Ricardo (2014, p. 165).

Novamente, ressalta-se que o que se apresenta é exemplificativo, sendo o conjunto mais rico. Ao concluir suas colocações sobre a Sociolinguística educacional, a autora reitera que essa área científica está associada “ao aperfeiçoamento das práticas linguísticas escolares”, advertindo sobre os equívocos resultantes de leituras malfeitas sobre a área de pesquisas, quando de sua chegada ao país, como a ideia de que os professores não deveriam interferir nos chamados “erros gramaticais”.

Considerado o exposto, pode-se afirmar que a análise acerca dos estudos sociolinguísticos atesta que a área de pesquisas tem contribuído para mudanças no ensino e na aprendizagem de língua materna, sobretudo, no que se refere ao seu planejamento.

Tal mudança de paradigma, mesmo não representando uma unânime haja vista que uma parcela de educadores e pesquisadores não tenha acolhido as inovações da sociolinguística, trouxe para a sala de aula a valorização dos padrões sociolinguísticos dos alunos e suas respectivas variações.

Vale considerar a respeito dessa mudança lenta e gradual, que longe de ser uma imposição aos puristas da língua, o que a sociolinguística propõe se resume em proporcionar aos aprendizes que dominem sim os chamados padrões linguísticos de prestígio, mas sem desprezar, no entanto, os usos trazidos de suas comunidades de origem, respeitando assim suas identidades. Com uma abordagem que considere a língua inserida na sociedade, acredita-se, com base nas pesquisas sociolinguísticas, que vários mitos sobre elas possam ser superados.

Destarte, atesta-se um novo paradigma escolar menos rígido possa beneficiar os aprendizes através da inclusão de seus usos no ensino em todas as etapas da educação básica, com destaque especial para as iniciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo tratou da importância dos estudos na área da Sociolinguística e suas vertentes, destacando de forma especial a Sociolinguística Educacional, para o ensino de língua materna na sala de aula.

Ao problematizar essa discussão, o trabalho procurou mostrar parte da realidade da atuação docente e a opção preferencial por uma abordagem ligada à gramática tradicional, que explica a predominância de atividades e metodologias vinculadas à uma visão que toma a língua como homogênea e cristalizada.

Nesse ponto, esclareceu-se ainda a presença de fatores como a precariedade das condições de trabalho e falta de tempo para o planejamento de aulas com a complexidade que a variação exige, o que resulta, na adoção de materiais didáticos (livros e apostilas) que, via de regra, dedicam pouco espaço para o assunto.

Dessa forma, vê-se que o que a escola tem feito, em relação ao ensino de língua materna, passa predominantemente por um viés que valoriza as variantes de maior prestígio social, o que, em última análise, priva os estudantes da problematização de outras variantes praticadas em suas casas e comunidades. Tudo isso é feito com a colaboração da grande mídia e até dos pais e comunidade, que cultivam crenças discriminatórias, apostando na noção de certo e errado.

O quadro colabora decisivamente para a manutenção de discriminações dos modos populares de falar e escrever, gerando preconceito linguístico e sociais.

Como proposta de mudança, o estudo sugere que, no ensino de língua materna, seja adotada a perspectiva variacionista, que ajude a na valorização das muitas possibilidades de uso que circulam na sociedade, nos mais diferentes contextos.

Uma abordagem que leve em conta os modos de falar próprios dos alunos, poderia colaborar no reconhecimento pela instituição escolar das diferenças sociais,

tomando-as por legítimas e dando a oportunidade de os estudantes desenvolverem as competências linguísticas necessárias para o uso adequado da língua em situações cotidianas, dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 14 maio 2026.

CEZÁRIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 113-128.

LOPES, M. A. F.; CAVALCANTE, M. A. D. S. A importância da Sociolinguística Educacional: reflexões sobre o ensino de língua portuguesa. In: **FLIPA, ANAIS...**, 2018. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2018/a_importancia_da_sociolinguistica_educacional.pdf. Acesso em: 14 maio 2026.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SANTOS, Norton Efraín Evaristo Souza dos et al. **Variação fonético-fonológica no ensino de língua materna**: direcionamentos da sociolinguística educacional e seu lugar na Base Nacional Comum Curricular. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa. Orientador: Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos. Disponível: [/https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/13529/1/Variação%20Fonético-fonológica%20no%20Ensino%20de%20Língua%20M](https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/13529/1/Variação%20Fonético-fonológica%20no%20Ensino%20de%20Língua%20M). Acesso em: 22-set-2026.

WITKOWSKI, Rejane. A Sociolinguística e suas principais correntes de estudo. **Maiêutica - Estudos Linguísticos, Literários e Formação Docente**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2013. Disponível: <https://pt.scribd.com/document/841109041/A-Sociolinguistica-e-Suas-Principais-Correntes-de-Estudo>. Acesso em: 22-set-2026.